

O legado de Chiquinha Gonzaga para o empreendedorismo feminino brasileiro

Prof. Dr. Alfredo Colenci Júnior
CEETEPS – São Paulo – Brasil
colencijr@yahoo.com.br

Júlia Valéria Telles
CEETEPS – São Paulo – Brasil
profa.juliatelles@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo confronta alguns dos principais momentos da trajetória profissional e humana da compositora, pianista e maestrina Chiquinha Gonzaga com pressupostos fundamentais das teorias do empreendedorismo. Dessa comparação surge uma figura humana e feminina caracterizada pelo pioneirismo em diferentes segmentos da atividade social e cultural. Da quebra do paradigma do papel da mulher na sociedade à luta pelos direitos autorais, são evidenciadas contribuições dessa personalidade de destaque da música brasileira que passam pela luta abolicionista, pela justiça social e pela partilha do conhecimento.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino, música, pioneirismo.

Abstracts: This article compares some of the key moments in the human and professional history of the composer, pianist and conductor Chiquinha Gonzaga with fundamental assumptions of theories of entrepreneurship. This comparison reveals a human and female figure of pioneer on different segments of social and cultural activity. From break of paradigm of the role of women in society to fight for copyright, many contributions are evidenced of this highlight personality of brazilian music, as the abolitionist and social justice struggle and the sharing of knowledge.

Keywords: Female entrepreneurship, conductor, pioneer.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar as características empreendedoras de Chiquinha Gonzaga que contribuem para o aumento do empreendedorismo feminino brasileiro, segundo as perspectivas teóricas de conceituados autores da área.

Chiquinha Gonzaga (1847-1935) é um exemplo indescritível no que diz respeito ao empreendedorismo feminino brasileiro. Foi a primeira mulher pianista, pioneira no movimento feminista, idealizadora da defesa dos direitos autorais, primeira maestrina e primeira a reger uma orquestra.

Suas ideias e ações estavam muito além de seu tempo; tinha uma mente esclarecida e pensamentos já naquela época voltados à gestão, à ética e à responsabilidade social, e sabia como utilizar e buscar os recursos necessários

para concretizar seus sonhos. Ressalte-se que tinha essa postura em tempos em que a mulher era criada e educada para ser rainha-prisioneira do lar, independentemente de seu nível social, devendo acumular conhecimentos para serem aplicados no ambiente familiar, em que se mantinha trancada como em seu casulo.

O tema do conhecimento gera um certo desconforto nos dias de hoje, até em razão da abundância de informações que surgem a cada segundo; isso leva muitas pessoas a não saberem ou não estarem preparadas para transformá-lo em algo produtivo para si e para o meio em que vivem.

Em sua época, Chiquinha já fazia questão de compartilhar o que sabia, como demonstrou claramente ao longo de sua carreira. Ousou levar sua música para a sociedade num tempo em que a mulher que se envolvia com o meio artístico era considerada uma prostituta. Soube utilizar todos os seus recursos e habilidades.

Não obstante enfrentar muitos sacrifícios, quebrou paradigmas e criou conceitos que foram frutos de seu talento. Segundo Chiquinha, viver sem a melodia seria impossível, pois assim sua vida não teria harmonia. Por tudo isso, as habilidades de Chiquinha Gonzaga encaixam-se perfeitamente num dos temas mais discutidos na atualidade, o empreendedorismo.

De acordo com pesquisas realizadas por estudiosos do tema, o empreendedor tem um diferencial que se apresenta em suas características, que são: habilidade, visão estratégica, medição de riscos calculados, elaboração de boa rede de contatos, paixão pelo que se faz, bom conhecimento do produto oferecido e do mercado, autonomia, autoconfiança, etc.

Chiquinha Gonzaga foi revolucionária e abolicionista. Em tempos caóticos e turbulentos, destacava-se em todos os papéis em que atuava, sendo protagonista nas diversas esferas de sua vida. Ela não pensava apenas em si, mas se preocupava com os valores humanos, vendendo suas partituras para comprar a alforria de escravos.

Metodologia

O levantamento de características empreendedoras em Chiquinha Gonzaga foi feito mediante o estudo de sua biografia e a comparação de sua trajetória com o que alguns autores destacam como os elementos fundamentais do empreendedorismo.

A biografia consultada é a de E. Diniz [1]. Para a caracterização do empreendedorismo, são utilizadas as obras de Dolabela [2], Fillion [3], Dornelas [4], Drucker [5] e Schumpeter (apud [6]).

Discussão e resultados. O legado de Chiquinha Gonzaga

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu em 17 de outubro de 1847. Sua mãe, Rosa Maria de Lima, era uma mulher pobre e mestiça, que passou por situações muito difíceis, principalmente por não saber se o pai de Chiquinha, José Basileu, um militar de carreira, assumiria ou não a paternidade. Por ser de família abastada, Basileu sofreu muitas pressões, mas mesmo assim assumiu e registrou a filha.

Segundo Diniz [1], apesar de Chiquinha ter nascido filha de uma escrava, recebeu de seu pai o que havia de melhor em termos de educação. Estudou latim, francês, piano e geografia e compôs pela primeira vez em 1858, quando tinha apenas 11 anos de idade. Era a “Canção dos Pastores”, para canto e piano em noites de Natal.

Primeira mulher maestrina e primeira a reger uma orquestra, foi também a primeira a lutar pelos direitos autorais. Era a única mulher entre os 21 fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), em 1917.

Numa época em que os homens detinham a hegemonia em todos os campos, Chiquinha Gonzaga lutava para que as mulheres deixassem de atuar como meras coadjuvantes.

Francisca Neves Gonzaga foi educada para ser uma digna sinhazinha; seu pai, muito rígido na educação, preparava para sua filha o que ele acreditava ser um futuro promissor. Acreditou que um bom casamento pudesse torná-la uma "dama".

Chiquinha foi educada para ser submissa no lar, mas aprendeu a ler e a escrever, a fazer contas e, principalmente, a tocar piano, o que a fez apaixonar-se pela música. De acordo com Diniz [1], Francisca cresceu ao som de polcas, maxixes, valsas e modinhas, participando das festas em família com imenso prazer.

É perceptível a vocação e o talento empreendedor de Chiquinha Gonzaga, já explicitados desde menina.

Conforme Franco (apud Dolabela [2]), um empreendedor pode criar o cenário em que será protagonista, mantendo-se em constante renovação, pois disso dependerá seu sucesso, como o de todos aqueles que acreditam que podem ir além do sonho.

No momento histórico em que viveu Francisca, a sociedade patriarcal brasileira delegava poderes extremos ao homem, enquanto as mulheres não tinham outra escolha a não ser a reclusão do lar e a rotina doméstica junto à criadagem escrava.

Desafiar pais e esposos seria muita ousadia para a época, e poucas mulheres tinham esse perfil. Mas Chiquinha não teve medo de enfrentar o que o destino lhe reservava. Nesse contexto, a ousadia de Chiquinha se ajusta a uma das características marcantes do empreendedor descritas por Filion [3], a de não ter medo de fazer acontecer, desde que a pessoa tenha conhecimento daquilo que se está propondo a fazer, o que o autor caracteriza como conhecimento do setor.

Forçada a esquecer-se da música e transformar-se numa dama da alta sociedade, Chiquinha se casou aos 16 anos com Jacinto Ribeiro do Amaral, oriundo de família muito rica, mas a união não durou muito tempo. Francisca se sentiu na obrigação de expor seus sentimentos e de buscar a liberdade, pagando por isso um custo muito alto.

Para a mentalidade e as condições da época, era impossível que uma mulher sobrevivesse da música, mas Chiquinha persistiu nesse modo de vida, conquistando em 1877 um grande público.

Foi nesse ano que Francisca compôs a polca “Atraente” (hoje bastante conhecida como tema de abertura de novelas e minisséries da televisão), maravilhando salões, teatros e ruas. Consequentemente, sua popularidade aumentava cada vez mais. Era chamada de “Offenbach de saias”. Seus maxixes e polcas eram elogiados pela imprensa, o que lhe garantia melhor aceitação em

diversos meios sociais e *status* de maestrina, o que, para ela, equivalia ao tão cobiçado anel de doutor. A cada partitura assinada por ela, a certeza de sucesso era imediata.

Naquela época, Chiquinha já fazia questão de compartilhar o que sabia, como deixou claro ao longo de sua carreira. Levava para os palcos instrumentistas amadores, algo inovador para a época, principalmente pela característica elitista de seu público.

Dolabela [7] afirma que a espécie humana é empreendedora desde o seu nascimento. Na verdade, o empreendedorismo não é um tema novo ou modismo, mas existe desde a primeira ação humana inovadora e visa melhorar as relações do homem com o meio em que vive e com a natureza. Portanto, não é um fenômeno apenas econômico, mas também social, e está presente em qualquer área, o que não o restringe às operações propriamente empresariais. O autor frisa que o empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive, e ressalta a característica local desse fenômeno. Essa afirmação oferece a razão pela qual alguns bairros, cidades, regiões ou países são mais empreendedores do que outros, pois isso se dá graças a fatores de comportamento que podem variar de um lugar para outro.

O autor esclarece que o empreendedorismo é uma das manifestações da liberdade humana, e que cabe a cada um criar o ambiente adequado ao exercício de tal manifestação. Já a tese de que o empreendedor é fruto de herança genética distancia-se da realidade.

O comportamento e as atitudes de Chiquinha Gonzaga traduzem essa teoria.

Em 1889, Francisca foi convidada para uma festa artística em homenagem ao maestro Carlos Gomes. O anúncio da récita dizia: “Francisca Gonzaga regerá todas as suas composições musicais. Assistirão a este concerto SS. MM. e AA. Imperiais” [1]. O início da festa, intitulada “O Guarani”, foi considerado um marco em sua história pessoal.

No ano de 1903, Chiquinha dava o passo inicial para mais um pioneirismo, a luta pelos direitos autorais. Segundo Diniz [1], a ideia dessa luta partiu da própria compositora, que se sentia explorada em seu trabalho e encontrou, aí, motivação para lutar. A maestrina contou com o apoio de maestros, profissionais de teatro, jornalistas e homens de prestígio como Raul Pederneiras, do *Jornal do Brasil*, e Viriato Corrêa, de *A Rua*.

Anos antes, em 1899, quando ouvia tranquilamente, em sua casa, os ensaios do cordão Rosas de Ouro, sentou-se ao piano e compôs uma marcha em homenagem ao grupo: “Ô abre alas, que eu quero passar”. Nascia a primeira música de carnaval. Até então, nenhum compositor havia elaborado uma composição para um cordão carnavalesco.

A combinação “perfeita” de saber viabilizar um sonho e transformar conhecimento em ação, pondo em prática todas as suas habilidades, não apenas como música, mas também como mulher, visionária e ser humano, tornou-se seu maior sucesso, e é tocada até os dias atuais nos bailes de carnaval.

Dornelas [4] indica a paixão como uma das características de um empreendedor de sucesso, pois esse indivíduo adora o trabalho que realiza. Esse amor ao que faz é o combustível que o mantém animado e autodeterminado, tornando-o o melhor vendedor de seus produtos/serviços, pelo fato de saber como ninguém como fazê-lo. O otimismo faz com que sempre enxergue o sucesso, em vez de imaginar o fracasso.

Chiquinha Gonzaga descobriu sua oportunidade na música, transformando a melodia em comunicação entre corações e mentes. De sua obra fez-se um empreendimento que abriu caminhos para outras mulheres, que, de seu exemplo, retiraram força e ousadia. Chiquinha não pensava apenas em si, mas preocupava-se com os problemas mundiais. Nesse universo de preocupações, situava-se a condição feminina e sua luta *quase* silenciosa para romper com os grilhões de uma sociedade predominantemente masculina.

Na era moderna, a prática da responsabilidade social numa organização faz a diferença. Chiquinha Gonzaga foi uma revolucionária abolicionista. Como já foi dito, vendia suas partituras para comprar a alforria de escravos, como fez com o futuro grande músico José da Flauta.

Ressalte-se, ainda, que entre as características empreendedoras de Chiquinha encontrava-se uma enorme energia, que fez de seu trabalho incansável. Galgou um degrau até então não atingido por nenhuma outra mulher de sua época. Criou seu próprio nicho, tinha iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização: era uma sonhadora realista. Toda nova composição virava, rapidamente, um tremendo sucesso. Perseverante, sabia como ninguém tecer uma boa rede de contatos. Chiquinha Gonzaga era dotada de outras características que contribuem para o empreendedorismo feminino: afetividade, humildade, responsabilidade, intensidade, relacionamento interpessoal (facilitava o trabalho em equipe e buscava novas alternativas em seu grupo, que se apresentava em bailes e teatros, tocando vários ritmos e chorões). O senso de organização e a valorização do conhecimento, características inerentes à natureza feminina, entre outras, são evidentes na maestrina.

Para Dolabela [2] e Drucker [5], empreender é um processo de aprendizagem constante; é buscar o saber, é mudar a ordem, modificando-se a si e dando oportunidade para o próximo, de modo a fazer de um simples mundo um universo de riquezas e pessoas felizes. Num processo de evolução, o indivíduo não precisa mudar suas raízes, mas, sim, como fez Chiquinha, tirar delas força e energia, utilizando-as de maneira correta para seu melhor proveito.

Dornelas [4] diz que no processo empreendedor a decisão de empreender pode ocorrer aparentemente por acaso, o que pode ser confirmado mediante uma pergunta básica: o que o levou a criar sua empresa? O autor afirma que a resposta nunca será surpreendente, pois a maioria dos empreendedores dirá: não sei, foi por acaso... Segundo o teórico, essa decisão é movida por fatores externos, ambientais e sociais, por aptidões pessoais ou pela somatória de todos esses elementos, que são cruciais para o surgimento e o crescimento de uma nova empresa. A objetividade e a presteza das ações de Chiquinha Gonzaga evidenciam que essa mulher sabia combinar talento, criatividade, oportunidade, flexibilidade e tantas outras características inerentes ao empreendedor.

Schumpeter (apud [6]) destaca o caráter criativo da ação empreendedora como elemento de extrema relevância no desenvolvimento econômico. Para explicar o fenômeno do empreendedorismo, o autor relaciona cinco funções que devem ser desempenhadas pelo empreendedor: saber combinar coisas novas, introduzir um novo produto no mercado, descobrir um novo método de produção, identificar um novo nicho ou até mesmo criar uma nova organização dentro de outra já existente.

Drucker [5] acredita que os empreendedores bem-sucedidos, qualquer que seja a sua motivação pessoal – sejam o dinheiro, o poder, a curiosidade, sejam o desejo de fama ou de reconhecimento –, tentam criar valor ou fazer uma

contribuição. São seres inconformados e inconformáveis, que não se contentam em simplesmente melhorar ou modificar aquilo que já existe. Buscam a maneira de criar novos e diferentes valores e satisfações, convertendo materiais em recursos ou combinando recursos existentes, o que resultará numa nova e mais produtiva configuração.

Para Schumpeter (apud [6]), o que diferencia um empreendedor dos demais atores da sociedade é a alegria de criar e o desejo de conquistar. Com base nessa definição, é possível considerar que o que constitui um efetivo empreendedor é a capacidade de transformar suas idéias em ações, o que Chiquinha soube fazer durante a sua trajetória.

A seguir, retomamos, num breve quadro comparativo, as semelhanças entre as ações empreendedora de Chiquinha Gonzaga e os principais pontos da teoria do empreendedorismo lembrados aqui.

Tabela 1: Comparativo entre as ações empreendedoras de Chiquinha Gonzaga e a teoria do empreendedorismo

Autores	Teoria	Ações de Chiquinha Gonzaga
DOLABELA, DRUCKER	Processo de aprendizagem constante, modificar a si mesmo - conhecer pontos fortes e fracos e utilizá-los a seu favor	Identificou uma oportunidade na melodia, rompeu barreiras, potencializou o que já existia dentro de si, motivou pessoas a proliferarem o ensino e a cultura da música
DORNELAS	Paixão e otimismo	Sonhadora realista, visionária, sabia como transformar conhecimento em algo realizável, cada composição era certeza de sucesso
FILION	O empreendedor imagina, desenvolve e realiza visões, não tem medo de fazer acontecer, considera uma boa rede de relacionamentos e conhecimentos do setor indispensável para o futuro negócio	O esforço, a energia, o talento, o pioneirismo e a visão avançada para sua época abriu caminhos para outras mulheres, que, de seu exemplo, retiraram força e ousadia para continuar o que ela deixou como legado
SCHUMPETER	Alegria de criar e desejo de conquistar	Criou seu próprio nicho, tinha iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo e necessidade de realização

Considerações finais

A natureza do empreendedor não permite a mesmice, o modismo. Ele se alimenta dos resultados alcançados por meio de suas atitudes e ousadia.

O empreendedorismo é uma das manifestações da liberdade humana, segundo estudiosos da área. Por isso, cabe a cada pessoa identificar os seus potenciais e criar o seu próprio ambiente. As pesquisas revelam que o empreendedor não é fruto de herança genética, o que sugere uma oportunidade para o indivíduo que muitas vezes tem habilidades intrínsecas que podem ser desenvolvidas com base no “fazer acontecer”.

Um dos grandes gargalos no empreendedorismo é a distância entre a teoria e a prática, como esclarece a teoria de Schumpeter, ao apresentar as funções do empreendedor e ao mesmo tempo a importância da ação.

O comportamento e as atitudes de Chiquinha Gonzaga traduzem a teoria, que não tem valor quando não desemboca em ação.

O campo do empreendedorismo é muito amplo e exige ousadia, determinação e foco, mas, para que se possa atingir essa etapa, é necessário um processo que deve ser iniciado a partir do conhecimento que se tem sobre si mesmo.

Chiquinha foi uma celebridade na música brasileira, quebrou paradigmas, trouxe riqueza à cultura do País. De acordo com teóricos do tema, a figura do empreendedor encontra-se presente em todas as áreas. Partindo dessa premissa, o músico também é um empreendedor; seu sonho é produzir e comunicar a felicidade por meio de notas musicais. O que realmente gosta de fazer, o que lhe proporciona prazer, o tempo que está disposto a investir em seu “destino” deve resultar em algo que possa contribuir tanto para o seu desenvolvimento, em todas as esferas de sua vida, como para a sociedade.

Chiquinha Gonzaga não só fez da música seu sustento, mas também contribuiu para implantar uma nova cultura no País, a do ensino da música. Ela abriu portas, criando oportunidades para que outras pessoas pudessem dar continuidade a seu trabalho. Deixou suas raízes impressas em composições e recomposições de cenários que prevalecem até os dias de hoje.

Referências

- [1] DINIZ, E. **Chiquinha Gonzaga: uma história de vida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.
- [2] DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura Editores, 2003.
- [3] FILION, L. J.; DOLABELA, F. **Boa ideia! E agora?** São Paulo: Cultura Editores, 2000.
- [4] DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo. Transformando ideias em negócios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- [5] DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- [6] MALERBA, F.; BRUSONI, S. **Perspectives on innovation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- [7] DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

Contato

Júlia Valéria Telles é professora universitária, formada em Administração de Empresas pela Unimonte (Centro Universitário Monte Serrat) e especialista em gestão de pessoas. Endereço: Rua Dr. Arnaldo de Carvalho, 102, apto. 402, Santos (SP), 11075-430. Fone: (13) 8138-6759 ou (13) 7810-3728. E-mail: profa.juliatelles@yahoo.com.br.